O Cearense, de Parsifal Barroso, em diálogo com *Precisa-se do Ceará*, de Gilberto Freyre, e *O Outro Nordeste*, de Djacir Menezes

Angela Gutiérrez*

Há mais de 70 anos, em 25 de agosto de 1944, o autor de *Casa Grande & Senzala*, Gilberto Freyre, já famoso dentro e fora do país, sobretudo por essa obra-marco na cultura brasileira, pronunciava, no Theatro José de Alencar, a conferência "Precisa-se do Ceará", que iria ter impacto tão forte sobre o cearense Parsifal Barroso, então com 31 anos de idade, a ponto dessa primeira impressão transformar-se em ideia viva, que germinaria por vinte e cinco anos, quando, enfim, floresce no livro *O Cearense*.

Se a força sugestiva da conferência do mestre de Apipucos, acima citada[1], foi decisiva, para o autor desse livro, na idealização do roteiro de pesquisa sobre a atuação dos cearenses, com suas especificidades (ou sua cearensidade), como grandes construtores do Brasil, a leitura anterior do livro *O Outro Nordeste*, de Djacir Menezes (de 1937), instituíra a primeira diretriz do interesse de Parsifal Barroso pelo estudo sobre o Ceará e os cearenses. O livro de Djacir lança uma perspectiva de nossa região diferente daquela apresentada pelo olhar freyreano em *Nordeste*, livro também de 1937. Enquanto Freyre, explicitamente, detém-se na análise do Nordeste, então menos conhecido, o Nordeste gordo da cana-de-açúcar, Djacir estuda o Nordeste magro, da seca e civilização do couro.

* Sócia Efetiva do Instituto do Ceará.

[1] Publicada em 28 de agosto de 1944, no Unitário, em Fortaleza, e em 9 de setembro de 1944, no O Jornal, no Rio de Janeiro.

Enquanto, pois, a leitura de *O Outro Nordeste* conscientizara o jovem cearense da necessidade de "encontrar na alma coletiva o princípio de explicação dessa especificidade que se confunde com a essência do seu próprio ser" (p.23/24), ou seja, a cearensidade, a conferência de Gilberto Freyre, ao confrontar a cultura da Bahia e a do Ceará, indica-lhe linhas da pesquisa para analisar essa especificidade do cearense.

Entre os traços mais marcantes que o sociólogo Freyre enxerga no povo cearense, explicitadas em seu texto-conferência, saliento: a "combinação de duas tendências que só combinadas me parecem psicológica e culturalmente criadoras ou fecundas: provincianismo e universalismo; regionalismo e cosmopolitismo; continentalismo e oceanismo"; que , aliás, aqui na UFC nos parece bem familiar, pois aproxima-se do lema criado pelo Prof. Antônio Martins para nossa Universidade: "Do regional para o universal"; "o espírito de iniciativa, de luta e de aventura do cearense", que exemplifica com "triunfos nas armas, na guerra do Paraguai, na colonização da Amazônia, no comércio, na indústria, nas letras, na arte da administração, está também ligado à história da liberdade no Brasil"; a vocação para o que chama de "destino supra-estadual ou supra-regional de unificador do Brasil": "A história do Ceará pode, como a dos outros Estados, ser quietamente escrita sob critério estadual ou regional. A história do cearense, porém, de tal modo se vem confundindo com a história da autocolonização do Brasil e da unificação brasileira que só deve ser traçada sob o critério mais dinamicamente transregional. Para o escritor pernambucano, "o regionalismo autêntico é, por natureza orgânico: um regionalismo inseparável do inter-regionalismo. Um regionalismo que tem na interdependência das regiões sua principal ou essencial condição de vida. Um regionalismo em que a espontaneidade de vida e de cultura que se deseje para a gente de uma região, em vez de um ideal de suficiência, importa no máximo de interdependência entre as regiões que formam uma nação…"

A preocupação da intelectualidade nordestina com a importância de nossa região, em sua duplicidade que, aliás, vem a ser multiplicidade, nascera em décadas anteriores e se intensificara, entre os anos 20 e 30, com forte atuação de Gilberto Freyre, na organização do I Congresso Brasileiro de Regionalismo, realizado em Recife, em 26, e do Manifesto Regionalista, lido na ocasião. Nos anos 30, como sabemos, Freyre publica, com grande sucesso, a monumental obra *Casa-Grande & Senzala,* em 1933.

Na literatura de ficção, o ciclo regionalista do chamado romance de 30, que domina a cena literária brasileira – iniciado com o paraibano José Américo de Almeida e seu romance *A Bagaceira*, de 28 -, apresenta, como *locus* e personagem, o Nordeste múltiplo, da seca, da cana de açúcar, do cacau, do banditismo, da religiosidade e do messianismo, dos senhores e escravos, dos sobrados e mocambos, do cais do porto e do mar, das pequenas cidades e das capitais, pela pena de autores e obras que ultrapassam as fronteiras da região e mesmo do país: o magistral Graciliano Ramos, do Nordeste da seca, em vários romances, em especial, na belíssima obra *Vidas Secas* (38); nossa cearense Rachel de Queiroz, que surpreendeu o país com seu jovem talento, em *O Quinze* (30); José Lins do Rego, do Nordeste da cana-de-açúcar, iniciando o ciclo do engenho com *O Menino de Engenho* (32) e finalizando-o, com sua obra-prima, *Fogo Morto* (43); Jorge Amado, com sua farta bibliografia dos anos 30 e 40, de que cito o *Cacau* (33), *Terras do sem fim* (1943), do ciclo do cacau, *Mar Morto* (36) e *Capitães da Areia* (37), do ciclo de *locus* em Salvador da Bahia, *Seara Vermelha* (46), do Nordeste da seca. Lembro esse clássico conjunto de obras do ciclo regionalista, e poderia lembrar muitas outras mais, para mostrar o quadro cultural em que Parsifal Barroso vive sua juventude e forma sua consciência de ser nordestino e cearense.

Ao centrar o foco de seu interesse justamente na análise da especificidade do ser cearense e ao mesmo tempo nordestino, o escritor intentava partir de um estudo multidisciplinar em um centro universitário de pesquisas. Na impossibilidade de realização dessa pesquisa com cientistas, parte para escrita de um livro que já se tem chamado de provocador. Não é o livro de especialista, derivado de comprovação e análise de dados de pesquisa, é a obra do intelectual que lê textos que o instigam ao assunto e vê a realidade através de sua experiência como professor, político, parlamentar, governante. Ao convidar o autor de *O Outro Nordeste* para prefaciar seu livro, Parsifal implicitamente reconhece sua dívida intelectual com o estudioso que o despertou para as questões do nosso Nordeste.

Na apresentação do livro, intitulada "Convições à flor da pele", Djacir Menezes comenta: "O autor sabe que a sociologia já saiu daquela fase ingênua de um geografismo que procurava nos fatores da mesologia física a explicação sumária da vida da comunidade e da fisionomia cultural (...) Tanto assim que vai à cata dos motivos situados na trama complexa

das relações humanas, que tecem costumes, estilos de ação política, instituições" (p.11).

Ao longo dos seis capítulos de *O Cearense*, o autor, no intuito de "conhecer a origem e a natureza da especificidade que marca a presença do cearense, identificando-o tão facilmente" (p.21), desenvolve o tema da cearensidade: "... resolvi formular um roteiro para a análise da fascinante cearensidade, esperando receber críticas e suscitar debates, a bem do próprio aperfeiçoamento dos estudos e das pesquisas", que desejava virem a surgir. Aliás, parece ser essa, também, a intenção do Instituto Myra Eliane ao lançar uma segunda edição da obra.

Através de referências a estudos de diferentes autores, sobretudo do Nordeste e do Ceará, e à sua própria observação, o autor descreve e analisa uma série de traços que compõem o perfil histórico, geofísico, psicológico, comportamental e cultural do cearense. De sua morfologia braquicéfala, à sua relação dolorosa com o meio árido, sujeito à alternância de períodos chuvosos e períodos de seca; sua proverbial imprevidência, (p.86), considerada por Rodolfo Teófilo como o maior defeito do cearense; "sua prodigiosa capacidade de sobrevivência, exercida através de uma extrema e fabulosa versatilidade" (p.87); seu "fatalismo impressionista, de tendência mágica, em que sempre se espera de Deus ou do Governo"(p.89) e o levam, também, à atração por jogos, sorteios (p. 93); sua cozinha de sobrevivência e sua tendência ao exagero no linguajar; seu "anseio constante de libertação" que o estudioso relaciona ao encerramento do cearense em uma ferradura de serras – "grande e alta muralha de Ibiapaba" (p.64) - , seu "confinamento dentro do fundo do saco", como mostra em todo o Capítulo III; a "tendência para coexistência de contrastes" em sua personalidade (p. 97), como a indiferença e a irreverência, o modo de ser expansivo e desconfiado ao mesmo tempo (p.98), a tendência espartana convivendo com a de fazedor de uma cultura de grande riqueza; a valentia *versus* medo do imprevisível; o imediatismo e a improvisação, que impedem o apego às tradições, mas perenizam a fidelidade ao clã (que Parsifal define como "espírito familista de clã", p. 116), a ambivalência da vocação para o Ceará-Migrante e para o Ceará-Moleque (p.103). Apesar de todas essas ambiguidades, o autor alerta: "todas as formas de comportamento e atitudes do cearense (...) se prendem a um princípio de unidade orgânica, baseada na cearensidade " (p.105).

Na última página de *O Cearense*, quando apresenta suas conclusões sobre o estudo que empreendeu, o autor alerta para o fato de que "somente possuem o valor de inferências indutivas":

"O roteiro aberto por Gilberto Freyre para o estudo da origem da cearensidade também possibilita o alcance dessa outra perspectiva, em que os círculos fechados da formação cearense se devem abrir, para que melhor se possa atender aos anseios de libertação que vive, permanentemente, no espírito do povo mais brasileiro do nosso país".

Iniciamos esta fala referindo-nos ao ano de 1944, momento em que o jovem Parsifal assistia a conferência do mestre Gilberto Freyre, no Theatro José de Alencar, daremos um salto para o iníco dos anos 70, no Auditório José Albano, a meia quadra de onde estamos, quando assisti a uma palestra informal com que Dr. Parsifal lançou *O Cearense*, no Centro de Humanidades da UFC.

Logo no início de seu depoimento de apresentação do próprio livro, o autor desceu os degraus que separam a tradicional mesa de conferências, colocada em patamar mais alto para permitir aos assistentes melhor visualização dos conferencistas, e ficou próximo aos alunos, caminhando no estreito corredor no centro do auditório. Encontro nas últimas linhas do prefácio de Djacir Menezes, uma imagem bem próxima do que vi: "e quase estou a ver seus gestos rasgados, em braçadas que, na rua, param o trânsito, nessa espontaneidade sonora que tem, acima de tudo, a sinceridade das convicções à flor da pele".

Se a muitos alunos causou espécie a bonomia e a simplicidade do Dr. Parsifal, para mim, foi um reencontro com sua cearensidade. Eu já o conhecia, pois o intelectual era amigo de meu pai, Luciano Cavalcante Mota, desde a infância, sendo ambos de 1913, e algumas vezes ia a nossa casa, um casarão de aspecto conventual, situada nas proximidades da Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Prainha, mais conhecida como Igreja do Seminário, para conversarem os dois sobre assuntos de literatura e cultura. Dou outro salto para 1977, quando Dr. Parsifal amiudou visitas ao amigo Luciano, casado com Angela Laís Pompeu Rossas Mota, minha mãe, bisneta do Senador Pompeu, sobre quem o autor de *O Cearense* pronunciaria discurso, no Instituto do Ceará, na rememoração desse grande vulto da História do nosso Estado, no centenário de seu falecimento, ocorrido em 6 de junho de 1877. Papai, que há muito vinha fazendo pesquisas sobre o assunto, dispôs-se a ajudar o amigo ocupadíssimo, colhendo bibliografia,

documentos, dados, elaborando roteiro, síntese, enfim, colaborando para que o estudioso cearense pudesse cumprir o que prometera no último parágrafo de seu discurso de posse como sócio efetivo do Instituto do Ceará, em 4 de dezembro de 1967: "Que Deus me ajude a ser digno da memória de nossos maiores, a ser fiel ao legado que me confiastes, e a poder servir, através de minhas atividades nesta Casa do Ceará, à terra e ao povo de que venho". (Parsifal Barroso. Discurso de Posse. *Revista do Instituto do Ceará,* 1967, p.306.)

(Conferência pronunciada no Auditório da Reitoria da UFC, em sessão sobre *O Cearense*, de Parsifal Barroso, no dia 28 de agosto de 2017).